

DONALD J. BOUDREAUX

MENOS ESTADO E MAIS LIBERDADE

O ESSENCIAL DO PENSAMENTO DE F. A. HAYEK

Tradução:
Leonardo Castilhane



Sumário

9	PREFÁCIO, POR VÁCLAV KLAUS
17	INTRODUÇÃO
<hr/>	
25	1. COMO COMPREENDEMOS UM MUNDO INCRIVELMENTE COMPLEXO
31	2. CONHECIMENTO E PREÇOS
41	3. PROSPERIDADE INDIVIDUAL E ORDEM ESPONTÂNEA
47	4. ESTADO DE DIREITO, LIBERDADE E PROSPERIDADE
53	5. LEGISLAÇÃO É DIFERENTE DE LEI
63	6. FALSA SEGURANÇA ECONÔMICA E O CAMINHO DA SERVIDÃO
73	7. EXPANSÃO E CONTRAÇÃO ECONÔMICAS (<i>BOOM</i> E <i>BUST</i>)
87	8. A MALDIÇÃO DA INFLAÇÃO
97	9. O DESAFIO DE SER BEM-SUCEDIDO NA SOCIEDADE MODERNA
111	10. IDEIAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS
<hr/>	
121	SUGESTÕES DE LEITURA ADICIONAL

Prefácio

por Václav Klaus

Aqueles como nós, nascidos no século xx — o século de duas guerras mundiais destrutivas e dois períodos de semelhante ruína: de Nazismo e Comunismo —, em particular, aqueles nascidos durante a Segunda Guerra Mundial e que passaram quatro décadas sob o jugo do Comunismo, que tentaram compreender na ocasião o que estava acontecendo e que, eventualmente, tiveram a coragem de tentar transformar o cenário em curso e sempre buscaram um norte que tornasse possível algumas orientações elementares para a vida. Por um lado, olhamos para as ciências sociais em busca de descrição e explanação teóricas para as obras de importantes acadêmicos, intelectuais e autores. Por outro lado, procuramos personalidades diretas, importantes, coerentes e inspiradoras; indivíduos exemplares, cujas vidas estivessem em risco por conta de seus escritos.

Friedrich August Hayek foi absolutamente crucial para muitos de nós em ambos os aspectos.* Nascido em 1899, em Viena, capital do

* Ver meu “Hayek, the End of Communism, and Me”, *CATO Policy Report* xxxv (5), 2013, em <http://www.klaus.cz/clanky/3345>. Este foi o meu discurso original “Hayek and My Life”, realizado numa conferência na Universidade de Richmond em abril de 2013.

Império Austro-Húngaro, o qual ainda estava sob o comando do Imperador Franz Joseph I, Hayek participou da Primeira Guerra Mundial como soldado na frente de batalha italiana. Quando regressou a sua casa em Viena para concluir seus estudos universitários, encontrou o império perdido, as fronteiras da Europa redesenhadas, o país profundamente abalado e a economia em ruínas (e vivenciando uma hiperinflação devastadora). Ele começou a trabalhar numa instituição governamental que lidava com débitos de guerra sob os auspícios de outro grande economista austríaco, nascido em uma geração anterior, Ludwig von Mises. Mises voltou suas atenções para a tradição da Escola Austríaca de Economia e sua poderosa metodologia (em especial, sua teoria de dinheiro e crédito) e para o debate, pois, após a formação da União Soviética e sua economia planificada sem mercados e preços, essa prática de repente se tornou bastante relevante, diante da impossibilidade do cálculo econômico sob a égide do socialismo. Hayek desenvolveu e enriqueceu substancialmente ambos os assuntos em seus trabalhos realizados nas décadas posteriores.

Depois de se mudar para a Inglaterra e para a London School of Economics, em 1931, na era da Grande Depressão, Hayek logo se tornou o principal opositor de John Maynard Keynes, o qual defendia a grande intervenção estatal como salvadora do capitalismo. Hayek se opunha drástica e inexoravelmente à doutrina keynesiana, que ele interpretava como o mais perigoso veículo, pois, por intermédio dela, as portas se abririam ao pleno socialismo. Muitos consideravam a disputa entre Keynes e Hayek como a principal e mais importante controvérsia no campo da economia do século xx.* Durante muitas décadas — na verdade, até o período da estagnação nos anos 1970 —, Keynes pareceu ser o vencedor, pelo menos na prática, no campo da política econômica.

* Por exemplo, Nicholas Wapshott (2011), *Keynes-Hayek*, W.W. Norton.

A Escola Austríaca de Economia, tradicionalmente, subestima, ou até negligencia, a macroeconomia (ou, no mínimo, sua importância), e Hayek compreendeu que não venceria o debate ao acolher o cenário macroeconômico keynesiano. Decidiu, então, atacar a doutrina intervencionista de Keynes movendo-se para a microeconomia, para a defesa do papel insubstituível dos mercados e dos preços na economia e demonstrando que o intervencionismo impede o funcionamento eficiente dos mercados. Seus artigos seminais “Economia e Conhecimento” e, sobretudo, “O Uso do Conhecimento na Sociedade” estão entre as mais importantes contribuições ao campo da ciência econômica como um todo no século xx. Hayek dedicou sua análise à explanação da coordenação da ação humana em um mundo no qual o conhecimento é inevitavelmente disperso e foi capaz de provar que a solução está no sistema de preços, não na economia planificada.

Hayek foi mais longe. O próximo passo dele foi ir além das fronteiras da ciência econômica. Durante a trágica Segunda Guerra Mundial, ele não viu apenas o Nazismo da Alemanha e de sua terra natal, a Áustria, e o comunismo da Rússia e de toda a União Soviética, mas a mesma centralização na tomada de decisões, planejamento governamental e administração da economia; a mesma supressão dos direitos civis; e a mesma introdução de todos os tipos de controles, em todos os países envolvidos na guerra. Ele considerava esses acontecimentos uma nova tendência que precisava ser enfrentada. Assim o fez, em 1944, ao publicar um livro não acadêmico, *O Caminho da Servidão* (dedicado aos “socialistas de todos os partidos”), que se tornou desde o seu lançamento o texto mais importante para todos os amantes da liberdade. Confesso que se tornou quase uma bíblia para aqueles que viveram décadas sob o comunismo. Hayek atraiu nossa atenção à estrada escorregadia que começa no intervencionismo governamental limitado e, à primeira vista, quase “inocente”, decaindo para um sistema autoritário e repressor. A liberdade, para

Hayek, era o valor primordial da civilização ocidental, sem o qual outros valores não poderiam ser concretizados.

O Caminho da Servidão tornou-se um *best-seller* (principalmente depois de sua versão para a *Reader's Digest*) e abriu as portas para Hayek adentrar o universo de leitores não acadêmicos. E ele não parou por aí. Continuou sua missão com uma importante atividade organizacional, fundando a Sociedade Mont-Pèlèrin, em 1947. A sociedade reunia um grupo bastante influente de liberais clássicos e outros renomados adversários do intervencionismo e da social-democracia. Realizando encontros regulares já há quase sete décadas, a sociedade é responsável pelo ressurgimento do liberalismo na segunda metade do século xx.

Frustrado ao ver o crescente impacto do keynesianismo nos anos 1950 e 1960, Hayek, de certa forma, abandonou a teoria econômica e migrou para áreas mais abrangentes (e menos rigorosas) — como filosofia política, direito, metodologia da ciência e, até, psicologia. Seus temas eram diversos, mas o conteúdo continuava bem focado: liberdade, seus inimigos, livres mercados e as ambições do construtivismo. Essa mudança temática pode ser facilmente verificada nos títulos de seus livros e artigos daquele período: *O Abuso da Razão*; *A Ordem Sensorial*; *Individualismo: Verdadeiro ou Falso*; *A Teoria de Fenômenos Complexos*; *Evolução dos Sistemas*; *O Atavismo da Justiça Social*; *A Contrarrevolução da Ciência*; *Direito, Legislação e Liberdade* etc.

Hayek passou a maior parte dos anos 1950 nos Estados Unidos, boa parte deles na Universidade de Chicago (embora, para sua frustração, devido ao caráter não científico de *O Caminho da Servidão*, seu período em Chicago não tenha sido no respeitado Departamento de Economia). No início dos anos 1960, Hayek retornou à Europa, para a Universidade de Freiburg, e passou o último terço de sua vida ativa na Europa, onde ele na verdade pertencia.

Em 1974, quando formalmente parou de escrever sobre temas econômicos, foi laureado com o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas,

que foi uma importante justificativa e lhe trouxe tremenda satisfação. Em seu discurso no Prêmio Nobel, “A Pretensão do Conhecimento”, ele resumiu suas visões sobre a diferença entre as ciências físicas e as ciências sociais (inclusive a economia) e criticou as tentativas de se usar métodos de ciências físicas em outros campos. Ele chamou essa tentativa de “cientificismo”, não ciência.

Nas últimas décadas de sua longa vida (ele morreu em 1992, aos 93 anos de idade), Friedrich Hayek envolveu-se na elaboração, de maneira normativa, do esboço da *Constituição da Liberdade* (publicada em 1960), na qual ele procurou formular os pré-requisitos legislativos para a liberdade (sem tentar “vendê-la” para qualquer partido político). Tornou-se um defensor do evolucionismo e da “ordem espontânea” (contrária ao construtivismo). O contraste entre “racionalismo construtivista” e “lógica evolutiva” era absolutamente crucial para Hayek. Ele tentou demonstrar a impossibilidade do construtivismo racionalista. Compreender sua ênfase na diferença entre ação humana e *design* humano significa compreender Hayek.

Hayek foi um dos intelectuais mais significativos do século xx, mas, apesar de sua extrema importância para os povos dos países ocidentais, não foi valorizado e reconhecido o suficiente. Lembro-me de estar na Áustria “dele”, em novembro de 1989, um dia antes da Revolução de Veludo em meu país, a antiga Checoslováquia, e ouvir na Universidade de Linz: “Hayek está morto na Áustria”. Reagi dizendo que o ressuscitaríamos em Praga. Ouso defender que Hayek foi mais importante para nós, no Leste, do que para os povos do Oeste. Os ocidentais viram um perigo real no Comunismo, mas não viram que estavam começando a trilhar sua própria “estrada escorregadia” hayekiana. Com frequência, consideravam as visões dele como exacerbadas e exageradas. Para nós, Hayek foi nosso guru, nosso mestre, nosso guia, nosso norte na era deprimente do Comunismo. Para Hayek, foi mais fácil cativar nossos corações.

Após a queda do Comunismo, na era otimista, quando dominavam as doutrinas de “fim da história” (*à la* Fukuyama), Hayek foi considerado vindicado — ainda que, ironicamente, seus escritos estivessem sendo pouco a pouco esquecidos, como se não fossem mais relevantes. Ele foi anunciado como um “profeta que provou estar certo” (o que era um tanto ilógico, pois nunca acreditou que suas visões e propostas pudessem vencer no mundo real), mas as ideias dele (e seus avisos) pareciam pertencer a uma época diferente. Com a “vantagem” de nosso passado comunista, contudo, alguns de nós sabiam que os escritos de Hayek não perderam a relevância do passado.

Duas décadas após o falecimento de Hayek, a história caminha outra vez. O intervencionismo estatal está de volta e em pleno crescimento, a era Reagan-Thatcher foi há muito esquecida, assim como a era comunista. O paternalismo, a regulação e o controle estatais; os bloqueios social e ambiental do funcionamento dos mercados; o construtivismo e o dirigismo estão presentes de novo, principalmente na Europa, e mais fortes do que nunca. Precisamos beber mais uma vez da fonte dos ensinamentos de Hayek. Precisamos, outra vez mais, empunhar seus livros e tentar difundir suas ideias ao redor do mundo, porque agora elas são tão relevantes quanto no passado.

Este livro é um ótimo começo. Ele nos impulsiona a seguir o caminho de reintroduzir Friedrich Hayek a novos públicos que, embora talvez não o saibam, precisam de seus ensinamentos e sabedoria, da mesma forma que precisamos deles no século xx. Boa parte do mundo ocidental está trilhando a “estrada escorregadia” sobre a qual Hayek tanto nos alertou em suas obras. Apenas ao compreender a trágica trajetória que pode se desenrolar, eles entenderão plenamente a urgência de se evitar as armadilhas do passado. Este livro é uma ótima fonte de referência para todos aqueles que valorizam a liberdade, mas ainda mais importante, é leitura essencial para todos aqueles que estão

PREFÁCIO

alheios aos muitos perigos que podem recair sobre uma sociedade que ignora as lições do passado.

VÁCLAV KLAUS

VÁCLAV KLAUS é ex-presidente da República Tcheca (2003-2013), atualmente é presidente do Instituto Václav Klaus, Distinguished Senior Fellow do CATO Institute e professor de Economia na Universidade de Economia de Praga.

INTRODUÇÃO

TODO ECONOMISTA TEM, PELO MENOS, UM HERÓI. EU TENHO vários. Adam Smith, o sábio filósofo moral escocês do século XVIII, que fundou a economia, é um dos meus heróis. Outro é Frédéric Bastiat, acadêmico e político francês do século XIX, que costumava usar brilhantemente do humor para transmitir ideias econômicas basilares. Também, entre os meus heróis, está meu falecido colega da Universidade George Mason, James Buchanan. Buchanan ganhou o Prêmio Nobel em 1986 por utilizar a economia para melhor compreender a política.

Milton Friedman, o economista americano que não só revolucionou os estudos econômicos do século XX, mas também falou de forma franca e envolvente ao público em geral, é mais um dos meus heróis. Da mesma maneira, Julian Simon, o economista que nos ensinou que o último recurso de qualquer economia não reside em coisas inanimadas, como terras, petróleo, ouro ou minério de ferro, mas, sim, na mente humana, que é livre para inovar.

Mas meu maior herói — de longe — é Friedrich A. Hayek (1899-1992).

Nascido em Viena, no dia 8 de maio de 1899, Hayek mudou-se para a Inglaterra em 1931. Enquanto atuava como professor e pesquisador

na London School of Economics, Hayek tornou-se um dos mais renomados economistas do mundo, embora ainda tivesse apenas trinta e poucos anos. Sua fama se expandiu em virtude de sua pesquisa sobre as causas que foram chamadas na época de “ciclos econômicos”, o que hoje chamamos de expansões (*booms*) e recessões.

Durante a Grande Depressão dos anos 1930, obviamente, tal pesquisa foi de fundamental importância. E Hayek não estava sozinho na pesquisa das causas dos *booms* e das recessões. Outro economista que estudava o mesmo assunto era John Maynard Keynes. Ainda que a teoria proposta por Keynes sobre *booms* e recessões fosse completamente diferente da proposta por Hayek. As duas justificativas para *booms* e recessões não só diferiam no aspecto puramente teórico, mas também nas implicações que ofereciam para políticas governamentais no enfrentamento de crises econômicas. A teoria de Keynes sustentava que recessões, mesmo as mais graves como a de 1929, podiam ser solucionadas sem complicação com o aumento dos gastos públicos. A teoria de Hayek, por outro lado, dizia que não havia esperança de que uma economia em declínio pudesse ser resolvida por meio de soluções fáceis.

Entre os profissionais de economia, a teoria de Hayek logo deixou de ser aclamada para ser escarnecida. A teoria de Keynes ganhou de longe.

Quaisquer que fossem os motivos para a vitória de Keynes sobre Hayek, o fato é que a vitória foi completa. A economia keynesiana começou a, praticamente, dominar por completo a área econômica pelos quarenta anos seguintes e a conquistar ampla aceitação no meio político. No início dos anos 1940, Hayek foi em grande parte esquecido.

Contudo, o tempo de Hayek nas sombras foi breve. Em 1944, ele publicou um livro que se tornou um surpreendente *best-seller* nos dois lados do Atlântico: *O Caminho da Servidão*. Nesta obra, hoje um clássico das Ciências Econômicas, Hayek alertava que as tentativas de planificar uma economia, ou mesmo de proteger os cidadãos dos inconvenientes das mudanças econômicas, pavimentam um

“caminho de servidão”. Hayek demonstrou que, se o governo planeja ou regula a economia com demasiados detalhes e com o enorme peso exigido por muitos intelectuais e políticos da época, o governo também deverá arregimentar os cidadãos e privá-los de diversas liberdades, hoje tão estimadas.

Hayek jamais disse (como, quase sempre, acusam-no de forma equivocada de tê-lo dito) que, ao menor sinal de regulação governamental, inevitavelmente, o socialismo e a tirania se manifestam. Em vez disso, sua tese era a de que, quanto maior a intenção do governo em socializar uma economia e regulá-la em profundidade, maior o número de liberdades individuais sendo devastadas no processo.

Embora fundamentado pelo brilhantismo econômico de Hayek, *O Caminho da Servidão* não é um livro de economia. É, em lugar disso, um trabalho sobre filosofia política e sinaliza o afastamento de Hayek dos trabalhos escritos sobre economia com exclusividade para economistas, em direção a uma escrita sobre a natureza da sociedade para públicos mais amplos. E o público de *O Caminho da Servidão* foi vasto. Nos Estados Unidos, a revista popular *Reader's Digest** publicou uma versão condensada do livro em 1945, a qual se provou surpreendentemente bem-sucedida. (*O Caminho da Servidão* continua sendo relevante e popular. Sessenta e cinco anos após seu sucesso de vendas por intermédio da *Reader's Digest*, o apresentador televisivo e radialista americano Glenn Beck enalteceu *O Caminho da Servidão* em seu programa no canal Fox News. Por conta disso, em junho de 2010, o livro de Hayek, de 1944, despontou para o ranking de livro mais vendido na Amazon.com, onde permaneceu por uma semana.)

Simultaneamente a sua mudança de economista restrito para cientista social abrangente, Hayek mudou-se, em 1950, para a Universidade

* N. do T.: esta revista foi famosa no Brasil até a década de 1990, com o nome de *Revista Seleções*.

de Chicago. Durante seus doze anos nessa instituição, não chegou a ser professor do Departamento de Economia, mas, em vez disso, entrou para o Comitê de Pensamento Social. Enquanto esteve em Chicago, Hayek escreveu um segundo e mais extenso livro em defesa de uma sociedade livre: *A Constituição da Liberdade*, que foi publicado em 1960.

Em décadas subsequentes, mais dois livros de “grande pensar” fluíram pela caneta de Hayek: a obra em três volumes *Direito, Legislação e Liberdade* (publicada nos anos 1970) e o último livro de Hayek, *Arrogância Fatal: Os Erros do Socialismo* (publicado em 1988). *Direito, Legislação e Liberdade* apresenta Hayek em sua maior demonstração de coragem e pioneirismo. O Volume I explica de forma brilhante as diferenças entre ordens espontâneas (tais como idiomas e economias de mercado) e organizações planejadas (como empresas e economias planejadas). O Volume II explica por que a ideia popular de “justiça social” é desarrazoada. O Volume III contém a mais ambiciosa investida de Hayek para descrever em detalhes como seria a estrutura legal e política de sua sociedade ideal.

No entanto, a maior contribuição de *Direito, Legislação e Liberdade* é a explanação de Hayek sobre a diferença fundamental entre lei e legislação. Influenciado pelo acadêmico legalista italiano Bruno Leoni, Hayek discute que a lei é um conjunto de normas que emerge “espontaneamente”, sem planejamento e elaboração. A lei, ou mais propriamente o Direito, é formada por meio de incontáveis interações de pessoas comuns, conforme o transcorrer de suas vidas. Legislação, ao contrário, é um conjunto de normas e mandamentos que o governo planeja e impõe de modo consciente. Hayek acreditava que toda sociedade adequada deve utilizar uma combinação de lei e legislação, mas muitos descaminhos ocorrem devido à confusão entre os dois.

Enquanto ainda trabalhava nos volumes II e III de *Direito, Legislação e Liberdade*, Hayek foi laureado com o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 1974. Dividindo este prêmio com o economista

sueco Gunnar Myrdal, Hayek por fim recebeu o devido reconhecimento profissional que perdera, desde sua recusa, quatro décadas antes, de acompanhar a grande maré do keynesianismo. Os amigos mais próximos de Hayek contam como esse prêmio renovou seu vigor para trabalhar. Ele viveria por quase 18 anos mais e durante boa parte deste tempo se manteve tão criativo e tão produtivo como nunca. Seu último livro, *Os Erros Fatais do Socialismo*, publicado em 1988 (e editado no Brasil pela Faro), aprofunda seus *insights* nas forças do potencial criativo de uma sociedade governada por mandatários evoluídos, no lugar de políticos discretos ou de majorias democráticas.

* * *

Neste breve livro, procuro transmitir da maneira mais clara possível a essência de dez das mais importantes ideias econômicas e políticas de Hayek. Embora eu exponha o ponto de vista de Hayek na maior parte dos temas, dei o meu melhor nas páginas a seguir para transmitir as ideias e perspectivas de *Hayek*, não as minhas. Inevitavelmente, e sobretudo porque nenhum acadêmico jamais experimentou uma influência tão poderosa e duradoura no modo como abordo economia e como “vejo” a realidade social, sem dúvida, de vez em quando, confundo minhas próprias ideias e pontos de vista com os de Hayek. Visei a evitar qualquer confusão do tipo, mas reconheço de antemão que meus esforços pouco provavelmente foram exitosos. Outros estudiosos de Hayek, por conseguinte, podem se opor a um sem-número de interpretações que fiz aos escritos deste mestre. Espero apenas ter reduzido tais confusões ao mínimo e que as confusões que ainda restarem sejam compreensíveis e, portanto, perdoáveis.

Também procurei evitar ao longo da obra menções excessivas ao próprio Hayek. O leitor deverá ler os capítulos a seguir com a compreensão de que *todas* as ideias neles expostas são as ideias de Hayek (ou, de novo, pelo menos o que genuinamente acredito serem as ideias de Hayek). Assim, acima de tudo, em função de outra meta minha, de tornar este livro acessível ao público em geral, não há durante o texto citações e notas de rodapé no estilo acadêmico.

Aos leitores interessados em explorar os trabalhos de Hayek em maior profundidade, incito para que leiam suas obras diretamente. Recomendo começar com *O Caminho da Servidão* ou *A Constituição da Liberdade*, embora estudantes de economia talvez desejem começar pelo influente artigo de Hayek, “O Uso do Conhecimento na Sociedade”, que foi reimpresso em muitos lugares, após ser publicado originalmente na edição de setembro de 1945 na *American Economic Review*. (Este artigo também está disponível grátis, em inglês, no site <http://www.econlib.org/library/Essays/hykKnw1.html>).

Hayek não escreveu uma autobiografia. Porém, existem muitas biografias intelectuais bem escritas sobre ele. O livro *Hayek's Challenge*, de Bruce Caldwell, publicado em 2005, é em especial bom. Os leitores podem consultar também *Friedrich Hayek: The Ideas and Influence of the Libertarian Economist*, de Eamonn Butler, de 2012, e *Friedrich Hayek: A Biography*, de Alan Ebenstein, de 2001. Mas volto a salientar: não há melhor maneira para se aprender as ideias de Hayek senão pela leitura direta de suas obras.

Ler Hayek diretamente nem sempre é fácil. Sua prosa, embora infalivelmente adequada e precisa, caracteriza-se por frases longas com várias intercalações. Apesar de que isso (pelo menos quando eu leio a prosa de Hayek) apresenta uma cadência atraente — ainda que uma cadência que só se torna aprazível após ler mais do que algumas páginas! Mas, se o leitor confiar na minha humilde opinião, posso assegurar que não se limitar a familiarizar-se apenas de modo

superficial com os trabalhos de Hayek renderá a você generosos dividendos intelectuais.

Mesmo assim, até os trabalhos mais “populares” de Hayek, como *O Caminho da Servidão*, são bastante acadêmicos. Ele foi, dos pés à cabeça, um acadêmico inveterado, nunca um jornalista ou comunicador. Terei cumprido meu dever nas páginas seguintes se você, leitor, compreender algumas das ideias principais deste grande pensador e entender a relevância atemporal dessas ideias para a valorização e formação de políticas sociais. Se você se sentir inspirado para ler Hayek diretamente, tanto melhor.

* * *

É muito gratificante poder escrever este pequeno livro. Agradeço a Jason Clemens e seus colegas do Fraser Institute pelo convite para escrever esta obra e pelo apoio durante todo o projeto. Agradeço aos meus colegas e alunos durante esses anos, tanto da Clemson University quanto da George Mason University. São muitos os colegas e alunos para serem mencionados aqui sem correr o risco de deixar alguém de fora, mas todos eles me ensinaram demais. Sou grato pela longa amizade e colaboração — sobretudo em nosso blog Café Hayek (www.cafehayek.com) — de Russell Roberts, agora na Hoover Institution. Sou igualmente grato pelas generosas contribuições de Bruce Caldwell no início deste projeto, sem falar nas críticas e sugestões tão úteis e perspicazes de três revisores anônimos.

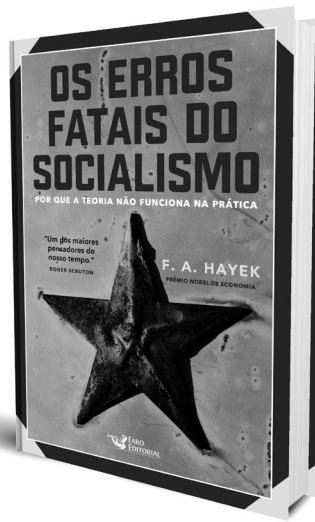
E faço um agradecimento especial ao meu primeiro mentor, Bill Field, que me introduziu aos trabalhos de Hayek. Ainda me recordo do dia, quase quarenta anos atrás, quando Bill me entregou sua cópia de *Individualism and Economic Order*, de Hayek, e sugeriu que eu lesse “O Uso do Conhecimento na Sociedade”. “Você não irá entender

tudo”, ele logo alertou. “Mas leia assim mesmo. Já terá compreendido sua importância se entender que deverá relê-lo no futuro. É abarrotado de camadas de *insights*”. Bill estava certo.

DONALD J. BOUDREAUX

Donald J. Boudreaux é professor de Economia na George Mason University, membro sênior do Fraser Institute e Martha and Nelson Getchell Chair no Mercatus Center, na George Mason University.

CONHEÇA TAMBÉM:



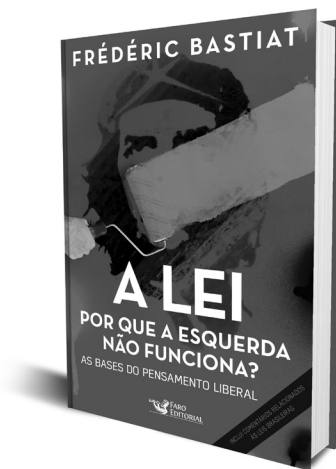
"A TAREFA MAIS CURIOSA DA ECONOMIA É DEMONSTRAR AOS HOMENS (E POLÍTICOS) QUÃO POUCO ELES SABEM SOBRE AQUILO QUE IMAGINAM PODER PLANEJAR."

Neste livro, Friedrich A. Hayek apresenta um exame fundamental e crítico das ideias centrais do socialismo. Ele argumenta que o socialismo, desde as suas origens, foi confundido com algo embasado em fundamentos científicos e factuais, e mesmo lógicos, mas que seus repetidos fracassos, nas muitas e diferentes aplicações práticas que o mundo testemunhou, foram o resultado direto desse equívoco conceitual.

Sempre contundente e controverso, marca de seus escritos, este manifesto traz um relato acessível às principais vertentes do pensamento de Hayek e explica a rede de erros em que todas as sedutoras e idealistas propostas socialistas se encerram.

"O traço intelectual mais marcante de F. A. Hayek é incomum na vida acadêmica: o espírito independente, que o levava a nadar contra algumas das correntes mais poderosas de sua época."

JOHN GRAY – Filósofo e Político Inglês



UMA OBRA CLÁSSICA PARA VOCÊ ENTENDER O BRASIL DE HOJE!

Este livro foi escrito num período da história em que algumas das mais proeminentes nações do mundo experimentavam visões de governo próximas às socialistas, que na teoria prometiam igualdade e prosperidade, mas, na prática, resultaram no exato oposto.

Frédéric Bastiat conseguiu antever toda a sorte de equívocos que aquelas visões carregavam e criou este manifesto para desmascarar aqueles que defendem a ideia de dar mais poder ao Estado: os intervencionistas, os planejadores, os protecionistas e os socialistas.

A Lei - Por que a esquerda não funciona? traz uma reflexão prática sobre ideias de filósofos e outros pensadores acerca da política e da vida em sociedade, dentre eles John Locke e Adam Smith, e trata de temas como liberdade, direito à propriedade, espoliação, igualdade, livre iniciativa, impostos, democracia, sufrágio universal, autoritarismo e tantos outros que ainda provocam debates acalorados.

Passados mais de 150 anos desde que foi publicado, este livro teve o melhor destino que um livro teórico pode alcançar: a prática provou que seu autor estava certo, num grau muito superior ao que poderia imaginar.

NESTA EDIÇÃO ESTÃO INCLUÍDOS COMENTÁRIOS E ANÁLISES QUE RELACIONAM O TEMA À LEGISLAÇÃO E À HISTÓRIA POLÍTICA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO.



HÁ UMA CONSPIRAÇÃO MUNDIAL E ELA NÃO É SECRETA. ESTÁ DIANTE DE NOSSOS OLHOS. AQUI, OS AUTORES APRESENTAM OS FATOS.

Sempre ouvimos teorias sobre conspirações guiando o mundo, comandadas pelo *establishment* político, ditadas por sociedades secretas, confrarias, religiões e organizações à sombra do Estado. No entanto, nunca nos apresentam provas nem documentos que atestem a real existências das tramas.

Este livro mostra que, além de existirem, não se trata de algo secreto nem discreto, mas de uma guerra aberta, declarada e constante, que nos distrai com sua tática de colocar socialistas contra liberais, esquerda contra direita, capitalismo vs comunismo. Fomos divididos em torcidas de uma falsa disputa e os que realmente vencem nem precisam entrar em campo, sempre estiveram juntos em um terceiro lado, que não estava disputando nada, apenas nos ocupando enquanto mantinham o poder.

São os grandes banqueiros e elites globais que dirigem o mundo. Não à toa eles se vendem como socialistas, benevolentes e altruístas, há método nisso tudo: decidem as opções que você tem para votar, em que causas acredita, quais alimentos são saudáveis e o que deve consumir em todos os aspectos: bens móveis, imóveis e culturais.

Famílias como Rockefeller, Morgans, Rothschilds e grupos como Bildeberg, Frankfurt e outros super-ricos são os personagens daqui, sempre ligados a figuras como Lênin, Trótski, Mao Tsé-Tung, Hitler, Karl Marx e tantos outros. Com as revelações apresentadas, pode-se decidir, com mais consciência, de quais causas, movimentos e ideais realmente vale a pena participar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM ABRIL DE 2018